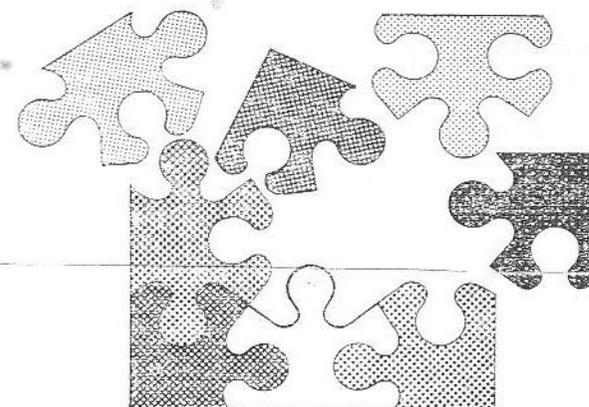


BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Sociologia e Antropologia



Edson de Oliveira Nunes
(organizador)

A Aventura Sociológica

Objetividade, Paixão, Improviso e
Método na Pesquisa Social

301.072
A951

Mahe
com

ZAHAR EDITORES
RIO DE JANEIRO

1978

Observando o Familiar¹

GILBERTO VELHO

I — Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma *distância* mínima que garanta ao investigador condições de *objetividade* em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos *imparciais* a realidade, evitando *envolvimentos* que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. Uma das possíveis decorrências deste raciocínio seria a valorização de métodos quantitativos que seriam “por natureza” mais neutros e científicos.

Sem dúvida essas premissas ou dogmas não são partilhados por toda a comunidade acadêmica. A noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada.² Não vou deter-me, especificamente, na discussão mais geral sobre *neutralidade* e *imparcialidade*. Creio ser mais proveitoso discutir algumas experiências pessoais que me levaram a refletir de forma mais sistemática sobre esses problemas.

II — A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na idéia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo pois exis-

¹ Agradeço os comentários e sugestões de Roberto Da Matta e Eduardo Viveiros de Castro, com quem tive oportunidade de discutir este trabalho.

² Ver por exemplo o trabalho de Howard S. Becker, “De que lado Estamos”, em *Uma Teoria da Ação Coletiva*, Zahar Editores, 1977.

tem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a idéia de tentar *por-se no lugar do outro* e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo. Trata-se de problema complexo pois envolve as questões de *distância social* e *distância psicológica*. Sobre isso Da Matta já situou com propriedade a trajetória antropológica de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”³. Evidentemente, em algum nível, está se falando em *distância*. É preciso, no entanto, refletir mais sobre o que se entende por isto. Sem dúvida existe uma *distância física* clara entre a sociedade inglesa da década de trinta e uma tribo do Sudão. Há que haver um deslocamento no espaço que requer a utilização de um determinado *tempo*, maior em princípio do que ir de Londres a Oxford ou de Cartum ao Cairo. É possível que um ou outro indivíduo na tribo fale inglês, mas a grande maioria comunica-se exclusivamente através dos dialetos locais, o que evidentemente representa, em princípio, uma descontinuidade maior em termos de comunicação do que entre um *scholar* inglês e um operário seu conterrâneo, apesar de Bernard Shaw. Trata-se, no entanto, de um tipo de comunicação, a verbal, que não esgota todo o potencial simbólico humano. Pode-se imaginar que o inglês desenvolva um interesse e cultive uma empatia por chefes tribais, atribuindo a estes, real ou fantasiosamente, problemas semelhantes aos seus na área da manipulação do conhecimento e no exercício de certas prerrogativas, podendo estabelecer pontos de contato e de aproximação, em determinados níveis, maiores do que os existentes entre o mesmo *scholar* e seus *fellow-country men* de origem proletária.

Simmel ao analisar a nobreza européia mostra o seu caráter cosmopolita e internacional, passando sobre as fronteiras dos Estados, enfatizando seus laços comuns de *grupo de status* marcando vigorosamente a *distância em relação* aos conterrâneos camponeses, proletários ou mesmo burgueses⁴. Sem dúvida o patrimônio ou a cultura comum de uma nobreza européia são muito mais óbvios do que experiências particulares de chefes tribais africanos e de um *scholar* inglês que possam apresentar algumas semelhanças. Num

³ Em “O Ofício do Etnólogo ou como Ter ‘Anthropological Blues’” — Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1974, e incluído nesta coletânea.

⁴ Em “The Nobility” em *On Individuality and Social Forms*, The University of Chicago Press, 1971.

caso está-se falando em uma *categoria social* e no outro em interação entre *indivíduos* que não chegamos a perceber ou definir como uma categoria. Mas já surge com nitidez a questão da relação entre distância social e psicológica. O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferência, gostos, idiosincrasias. Até que ponto pode-se, nesses casos, distinguir o *sócio-cultural* do *psicológico*? No mundo acadêmico ou intelectual em geral esta experiência é bem conhecida. Quantas vezes em encontros, seminários, conferências, etc. de caráter internacional não nos encontramos interagindo à vontade, de maneira fácil e descontraída, com colegas vindos de sociedades e culturas as mais díspares? Lembro-me bem de uma vez, chegando a uma universidade americana na hora do almoço, ter oportunidade de sentar à mesma mesa com colegas americanos, um francês, um argentino e um holandês. Quase todos estávamos nos conhecendo. No entanto a conversação correu fácil, não só quanto ao *tom*, com pequenas ironias e piadas implícitas, meias palavras, referências, etc. Tínhamos lido Alexandre Dumas e Walter Scott na adolescência e gostávamos de Beethoven e Rossini. Comentou-se o filme do autor italiano, que seria exibido na universidade durante a semana e discutiu-se a 7.^a Sinfonia, programada para aquela noite. Esnobismo intelectual? Cultura ornamental cultivada pela intelectualidade acadêmica? É possível, mas constituem-se em temas de conversa assim como discutir um jogo de futebol ou a última atuação de Rivelino ou Paulo César com o chofer de táxi ou com o porteiro do edifício. Que tipo de conversa é mais real, verdadeira? O fato é que se está discutindo o problema de experiências mais ou menos comuns, partilháveis que permitem um nível de interação específico. Falar-se a mesma língua não só não exclui que existam grandes diferenças no vocabulário mas que significados e interpretações diferentes podem ser dados a palavras, categorias ou expressões aparentemente idênticas. Voltamos a Bernard Shaw e a Pigmalião. Por outro lado, toda a tradição marxista valoriza a experiência comum de classe e acentua, em certas interpretações, o caráter extra e supranacional da luta política, desenfaz os laços comuns, patrimônio cultural de que poderiam participar classes sociais distintas, para enfatizar, por exemplo, a experiência básica comum de exploração a que estaria submetido o proletariado. Expressões ou termos como *burguesia internacional*, *unidade internacional proletária* tendem a sublinhar a importância de experiências e interesses sociológicos e históricos comuns em detrimento das noções de identidade e cultura nacional. A unidade, no caso, não seria dada pela língua,

por tradições nacionais de caráter mais geral mas por experiências e vivências de *classe*, definidas em termos sociológicos, econômicos e históricos, que originam inclusive a noção de *cultura de classe* que pode ultrapassar as fronteiras dos Estados Nacionais. Sem dúvida a noção de Estado Nacional e a valorização de um patrimônio comum dentro de suas fronteiras em oposição a patrimônios de outros Estados está ligada a uma conjuntura sócio-histórica precisa. Normalmente o aparecimento do Estado Moderno é associado ao desenvolvimento da burguesia, ao fortalecimento do nacionalismo. Enquanto movimento intelectual surge o Romantismo, preocupado em pesquisar (ou até criar) raízes, fundamentos, essenciais de um povo, nacionalidade. É conhecida a manipulação de ideologias nacionalistas, de oposição simbólica e material ao que vem de fora, como estranho, intruso, fora de contexto, alienado. Pode parecer estranho que um antropólogo esteja chamando atenção para o "artificialismo" de certas separações e limites entre sociedades e culturas. Mas creio que, contemporaneamente, cabe justamente aos antropólogos relativizar essas noções, não negando-as ou invalidando-as ideologicamente mas apontando a sua dimensão de algo *fabricado*, *produzido* cultural e historicamente. Não se trata de ser nacionalista ou internacionalista, mas sim de chamar atenção para a complexidade da categoria *distância* e disso extrair conseqüências para o nosso trabalho científico.

Assim, volto ao problema de Da Matta, para sugerir certas complicações. O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.

Da janela de meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil enquanto a alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos estes indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com a sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado. Não só o meu grau de familiaridade, nos termos de Da Matta, está longe de ser homogêneo, como o de conhecimento é muito desigual. No entanto, todos não só fazem parte de minha sociedade, mas são meus contemporâneos e vizinhos. Encontramo-nos na rua, falo com alguns, cumprimento outros, há os que

só reconheço e, evidentemente, há desconhecidos também. Trata-se de situação diferente de uma sociedade de pequena escala, com divisão social do trabalho menos complexa, com maior concentração ou menor número de papéis, etc. Já discuti, em outra ocasião, o problema do anonimato relativo na grande metrópole, chamando atenção para a existência de áreas e domínios até certo ponto autônomos que permitem um jogo de papéis e de construção de identidade bastante rico e complexo⁵. O fato é que dentro da grande metrópole, seja Nova York, Paris ou Rio de Janeiro, há descontinuidades vigorosas entre o "mundo" do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparáveis à de viagens a sociedades e regiões "exóticas". Na opinião de Da Matta⁶ isso não acontece com a maioria das pessoas dentro da sociedade complexa na medida em que a realidade e as categorias sociais à sua volta estão hierarquizadas. A hierarquia organiza, mapeia e, portanto, cada categoria social tem o seu lugar através de estereótipos como, por exemplo: o trabalhador nordestino, "paraíba", é ignorante, infantil, subnutrido; o surfista é maconheiro, alienado, etc. Eu acrescentaria que a dimensão do poder e da dominação é fundamental para a construção dessa hierarquia e desse mapa. A etiqueta, a maneira, de dirigir-se às pessoas, as expectativas de respostas, a noção de adequação etc., relacionam-se à distribuição social de poder que é essencialmente desigual em uma sociedade de classes. Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos *familiariza* com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder "por-se no lugar do outro". É preciso chamar atenção para o fato de que mesmo nas sociedades mais hierarquizadas há momentos, situações ou papéis sociais que permitem a crítica, a relativização ou até o rompimento com a hierarquia. Na sociedade complexa contemporânea existem tendên-

⁵ Com L.A. Machado da Silva "A Organização Social do Meio Urbano" — inédito.

⁶ Comunicação Pessoal.

⁷ Ver o trabalho clássico de Louis Dumont *Homo Hierarchicus*, Gallimard, 1966, onde o autor mostra que mesmo na Índia, modelo de sociedade hierárquica, há margem para a saída ou estranhamento da hierarquia.

cias, áreas e domínios onde se evidencia a procura de contestar e redefinir hierarquias e a distribuição de poder. Ao contrário de sociedades tradicionais mais estáveis ou integradas, está longe de haver um consenso em torno dos lugares e posições ocupados e de seu valor relativo. Existe o dissenso em vários níveis, a possibilidade do conflito é permanente e a realidade está sempre sendo negociada entre atores que apresentam interesses divergentes. Embora existam os mecanismos de acomodação ou de apaziguamento, sua eficácia é muito variável e, até certo ponto, imprevisível. Há diferentes tipos de desvio e contestação que põem em cheque a escala de valores dominante. A ciência social surge e se desenvolve nesta conjuntura, tendo toda uma dimensão inconoclasta voltada para o exame crítico e dessacralizador da sociedade. Os cientistas sociais, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, etc. estão constantemente entrando em áreas antes invioláveis, levantando dúvidas, revendo premissas, questionando. É claro que isto varia em função de *n* possibilidades — origem social, tipo de formação, orientação teórica, posição ideológica entre outras. Mas mesmo em se tratando de indivíduos e correntes mais ligados ou identificados com tendências conservadoras, ou até reacionárias, o próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura possibilitam uma dimensão nova da investigação científica, de conseqüências radicais — o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente. As analogias com a psicanálise, embora um tanto perigosas, são óbvias. Trata-se, afinal de contas, de uma tentativa de identificar mecanismos conscientes e inconscientes que sustentam e dão continuidade a determinadas relações e situações. Assim volta-se a um ponto crítico. Não só o grau de familiaridade varia, não é igual a conhecimento, mas pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática. Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, *grosso modo*, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Em princípio dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para a nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados. Isso não significa que, mesmo ao nos defrontarmos, como indivíduos e pesquisadores, com

grupos e situações aparentemente mais exóticos ou distantes, não estejamos sempre classificando e rotulando de acordo com princípios básicos através dos quais fomos e somos socializados. É provável que exista maior número de dúvidas e hesitações como as de um turista em um país desconhecido mas os mecanismos classificadores estão sempre operando. Dentro ou fora de nossa sociedade nós pesquisadores ocidentais estamos sempre, por exemplo, trabalhando e nos referindo à categoria *indivíduo* como unidade básica de mapeamento. No entanto, através da obra de Louis Dumont, sabemos que existem sociedades em que essa categoria não é dominante⁸. Mesmo dentro da sociedade brasileira há grupos e áreas que apresentam fortes diferenças e descontinuidades em relação à noção dominante de indivíduo.⁹

Levando mais longe o exame das categorias *familiar* e *exótico*, sem querer entrar em discussões de natureza filosófica, não há como deixar de mencionar os impasses sugeridos pelo existencialismo em relação ao conhecimento do outro. Não vejo isto como um impedimento ao trabalho científico mas como uma lembrança de humildade e controle de onipotência tão comum em nosso meio. O conhecimento de situações ou indivíduos é construído a partir de um sistema de interações cultural e historicamente definido. Embora aceite a idéia de que os repertórios humanos são limitados, suas combinações são suficientemente variadas para criar surpresas e abrir abismos, por mais familiares que indivíduos e situações possam parecer. Neste sentido um certo ceticismo pode ser saudável. Parece-me que Clifford Geertz ao enfatizar a natureza de *interpretação* do trabalho antropológico chama atenção de que o processo de conhecimento da vida social sempre implica em um grau de subjetividade e que, portanto, tem um caráter aproximativo e não definitivo¹⁰. O que significa a velha estorinha de que antropólogos sofisticados escolhem sociedades sofisticadas para estudar, os mais ansiosos trabalham com culturas onde a ansiedade é dominante?

Isto mostra não a feliz coincidência ou a mágica do encontro entre pesquisador e objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão de subjetividade envolvidos neste tipo de trabalho. A "realidade" (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é

⁸ Op. cit.

⁹ Refiro-me a esta questão em "Relações entre a Antropologia e a Psiquiatria" em *Revista da Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência* — Rio, V. 2, 1976 — N.º 1.

¹⁰ Geertz, Clifford — *The Interpretation of Cultures*, Nova York, Basic Books, 1973.

percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa.

Este movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranóias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros.

III — Tive oportunidade de pesquisar um universo de pequena classe média *whitte-collar* que me era familiar através do mapa hierárquico e político de minha sociedade e de meu bairro.¹¹ Através de estereótipos localizava os moradores de grandes prédios de conjugados. Ao passar por um desses edifícios, "sabia" que era um "balança", que havia desconforto, falta de higiene e que seus moradores eram de condição social inferior, sujeitavam-se a condições de vida mais ou menos degradantes por estarem alienados, suggestionáveis. Certamente tinha dúvidas, questionava alguns desses estereótipos. Já conhecera pessoas que moravam em "balanças" e que não se ajustavam a essas pré-noções. De qualquer forma, se um desses prédios, particularmente, tornou-se mais familiar ainda, quando para lá me mudei, o meu conhecimento de sua população era precário. O esforço de entender e registrar o discurso do universo, seu sistema de classificação e de captar sua visão de mundo nem sempre foi bem sucedido. Percebia como a minha inserção no sistema hierárquico da sociedade brasileira levava-me constantemente a julgamentos apressados e preconceituosos, as vezes até por querer drasticamente repelir as noções anteriores, caindo em armadilhas inversas. Depois de ano e meio de residência no prédio, creio que consegui perceber alguns mecanismos que sustentavam a lógica das relações sociais internas e externas e também captar algo do estilo de vida e visão do mundo locais. Estou consciente de que se trata, no entanto, de uma *interpretação* e que por mais que tenha procurado reunir dados "verdadeiros" e "objetivos" sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho. Isso está claro para mim na medida em que volto constantemente a reexaminar a pesquisa e mesmo a revisar o local da investigação. Por outro lado, sendo um grupo que vive na minha cidade, conheço outras pessoas, inclusive cientistas sociais que o encontram.

¹¹ Ver *A Utopia Urbana — Um Estudo de Antropologia Social*, Zahar Editores, 1973, 2.ª ed., 1975.

que também têm alguma familiaridade ou até fizeram pesquisas em contextos semelhantes. Desta forma a minha interpretação está sendo constantemente testada, revista e confrontada. O mesmo não se dá com muitos estudos de sociedades exóticas e distantes, pesquisadas por apenas um investigador, em que não houve oportunidade de maiores discussões ou polêmicas. Assim, a interpretação de um investigador fica sendo a versão existente sobre determinada cultura, não sendo exposta a certos questionamentos. Ao contrário, na sociedade brasileira há muitas opiniões e interpretações sobre Copacabana, carnaval, futebol, etc., colocando os pesquisadores no centro de acirradas polêmicas.

Embora familiaridade não seja igual a conhecimento científico, é fora de dúvida que representa também um certo tipo de apreensão da realidade, fazendo com que as opiniões, vivências, percepções de pessoas sem formação acadêmica ou sem pretensões científicas possam dar valiosas contribuições para o conhecimento da vida social, de uma época, de um grupo. Além disso, há indivíduos ou grupos que talvez por um movimento de estranhamento, como certos artistas, captam e descrevem significativamente aspectos de uma sociedade de maneira mais rica e reveladora do que trabalhos mais orientados (real ou pretensamente) de acordo com os padrões científicos. Os exemplos na literatura são óbvios como Balzac, Proust, Thomas Mann e, no Brasil, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, etc. Também no teatro, cinema, música, artes plásticas poderiam ser citados exemplos. Isto sem falar em gêneros menos "nobres" como o jornalismo em suas várias manifestações, a história em quadrinhos e a literatura de cordel entre outros.

Ou seja, numa sociedade complexa contemporânea como a brasileira, o antropólogo apresenta sua interpretação, que, por mais que possa ter uma certa respeitabilidade acadêmica, é mais uma versão que concorrerá com outras — artísticas, políticas, em termos de aceitação perante um público relativamente heterogêneo. Há outras pessoas, profissionais de Ciências Sociais ou não, observando e refletindo sobre o familiar — a nossa sociedade em seus múltiplos aspectos, com esquemas e preocupações diferentes. Se o interesse por grupos tribais, por exemplo, é relativamente restrito, o mesmo não se pode dizer sobre umbanda, escola de samba, uso de tóxicos, homossexualismo e outros temas que têm sido pesquisados por antropólogos.

Assim, ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos que foram investigadores, que po-

dem discordar das interpretações do investigador. Vivi essa experiência em minha pesquisa sobre uso de tóxicos em camadas médias altas,¹² quando pelo menos duas pessoas que eu tinha entrevistado não concordaram com algumas das minhas conclusões, apresentando críticas que me levaram a rever pontos importantes. Embora isso possa acontecer no estudo de outras sociedades, é menos provável porque, normalmente, feita a pesquisa, o investigador volta para o seu país ou cidade e tem menos oportunidades de confrontar-se com as opiniões daqueles a quem estudou. Parece-me que, nesse nível, o estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, pode-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas, etc., permitindo remapeamentos da sociedade. O estudo do rompimento e rejeição do cotidiano por parte de grupos ou indivíduos desviantes ajudamos a iluminar, como casos limites, a rotina e os mecanismos de conservação e dominação existentes.

Vale a pena insistir no caráter relativo da noção de familiar e exótico, especialmente na nossa sociedade. A comunicação de massa — jornal, revista, rádio, televisão, traz fatos, notícias de regiões e grupos espacialmente distantes mas que podem se tornar familiares pela frequência e intensidade com que aparecem. Basta pensar, por exemplo, no *jet-set* internacional e nos artistas de Hollywood como grupos com que um gigantesco número de indivíduos desenvolve uma certa familiaridade, sabendo detalhes mais ou menos verdadeiros a respeito de suas vidas, famílias, roupas, preferências, etc. Por outro lado recebemos com maior ou menor frequência notícias e imagens de lugares tradicionalmente definidos como exóticos — Índia, África, etc.. Há, sem dúvida, cenários e grupos dentro do próprio país ou até dentro da própria cidade de que muitas vezes nem ouvimos falar, que não são temas

¹² Ver *Nobres e Anjos, Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia* — Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da USP, 1975.